

Estatua equestre d'el-rei D. José I.

A estatua equestre d'el-rei D. José I, erigida na vasta praça do Commercio, é incontestavelmente, em que peze a estrangeiros e estrangeirados, um monumento de que Portugal se póde ufanar, que poucos ou, talvez, nenhum rival, n'este genero, tem no mundo, e que honra altamente o talento dos que a conceberam e executaram, acreditando os nossos progressos nas artes.

Mas a estatua equestre, brilhante testimunho do genio dos artifices portuguezes, não representa menos eloquentemente a poderosa iniciativa d'esse grande estadista, que fez surgir das ruinas, mais elegante e mais magestosa que nunca, a velha capital, quasi inteiramente destruida por uma horrivel catastrophe.

Quando Eugenio dos Santos de Carvalho, architecto civil e militar, foi encarregado de traçar o risco da nova cidade, indicou-se-lhe ao mesmo tempo que elaborasse o desenho do monumento que devia ornar uma das principaes praças, consagrado á gloria do monarcha, sob cujos auspicios se emprehendêra e levára a cabo tão gigantesca empreza.

Eugenio dos Santos cumpriu o que se lhe ordenára, mas, por circunstancias que se ignoram, os seus desenhos, que aliás eram muito mais singelos

do que os que depois se elaboraram, não foram logo postos em execução.

Um artista italiano, de quem não sabemos o nome, parece ter sido depois encarregado de fazer outro projecto; mas não merecendo approvação o trabalho que apresentou, buscou-se outro artista, natural de Malta, para fazer o modelo do monumento, tomando por base o primitivo desenho de Eugenio dos Santos, para o que lhe foram entregues copias fieis de tudo o que havia feito. Foi n'estas circumstancias que Reinaldo Manoel dos Santos, que succedêra, no cargo de architecto da cidade, a Eugenio dos Santos de Carvalho, já fallecido, ou por inspiração propria, ou por insinuações da auctoridade, mandou convidar a Mafra o celebre Joaquim Machado de Castro, que alli estava residindo, porque andava empregado nas esculpturas da real basilica.

Era Machado de Castro reputado desde muito tempo por artista insigne; parecia pois que se lhe devia deixar toda a liberdade de adoptar, rejeitar ou alterar o primeiro plano; mas não aconteceu assim: só lhe foi licito modificar e melhorar as obras de *detalhe*, tendo de sujeitar-se muitas vezes a recommendações ineptas, e até a caprichos ridiculos. Todavia a sua habilidade, apesar de condições tão desfavoraveis, venceu as difficuldades que se offereciam, com tal superioridade, que o seu modelo, apresentado á corte em 1771, em concurrencia com o do maltez a que já alludimos, mereceu unanimes applausos, ordenando-se-lhe que o executasse com a maior brevidade possivel.

Seria objecto de larga escriptura explicar as differentes operações necessarias para o complemento de uma obra de similhante importancia. O proprio Machado de Castro se encarregou de publicar pela imprensa a curiosa historia de todos os processos empregados para levar a effeito este bello monumento; (1) para a excellente obra do nosso esculptor remettemos pois o leitor curioso, limitando-nos n'este logar a offerecer d'elle uma breve descripção.

Do terreiro da vasta e magestosa praça do Commercio sobe-se por seis degráos de cantaria a um plano de setenta e dois palmos de comprido e sessenta e dois de largo. D'este plano, guarnecido de uma grade de bronze de primoroso lavor, nasce o socco, que mede doze palmos de altura, trinta e oito de comprimento e trinta e sete de largura, tendo os cantos cortados em fórma de cruz. Nos dois braços estão dois grupos, tendo as figuras voltadas para o amplo porto. O grupo que fica á direita representa o *Triumpho*, segurando pelas redeas um fogoso cavallo, que atropella um prisioneiro de estatura agigantada; e o que fica á esquerda representa a *Fama*, com um elephante pizando outro prisioneiro de grande estatura tambem; em um e outro grupo estão dispersos com artificiosa symetria alguns instrumentos bellicos, armas e bandeiras.

Não nos cabe discutir aqui a allegoria representada por estas figuras; ainda que nos não pareçessem attendiveis as razões que o auctor apresenta para defender a sua composição, para nós bastanos a esmerada correcção do desenho e a perfeição com que estão acabadas estas esculpturas para desculpar qualquer incongruencia de invenção, se é que a ha.

Estes grupos foram executados por Joaquim Machado de Castro, com a cooperação de Francisco Leal Garcia, José Joaquim Leitão, João José Elveni e Alexandre Gomes, em *lioz* de Pero Pinheiro, e compõem-se de nada menos de vinte pedras, algumas de enorme dimensão. Na parte do socco que olha para o cáes lê-se a seguinte inscripção:

(1) *Descripção analytica da estatua equestre.* Lisboa, Impressão Regia 1810. 1 vol. 4.° com estampas.

JOSEPHO I.
AUGUSTO. PIO. FELICI. PATRI. PATRIAE
QUOD. REGIIS. JURIBUS. ADSERTIS.
LEGIBUS. EMENDATIS.
COMMERTIO. PROPAGATO. MILITIA.
ET BONIS. ARTIBUS. RESTITUTIS.
URBEM. FUNDITUS. EVERSAM. TERRÆMOTU
ELEGANTIOREM. RESTAURAVERIT.
AUSPICE. ADMINISTRO. EJUS. MARCHIONE. POMBALIO.
ET. COLLEGIO. NEGOTIATORUM. CURANTE
S. P. Q. O.
BENEFICIORUM. MEMOR.
P.

D'entre os grupos que mui succintamente descrevemos cresce o pedestal, que tem de altura trinta e dois palmos, vinte e sete de comprimento, e dezoito de largura: as duas faces lateraes são planas, as outras duas convexas.

Na face da frente estão esculpidas em relêvo as armas de Portugal, e pendente d'ellas um medalhão com a effigie do marquez de Pombal; foi esta arrancada d'aquelle logar na madrugada do dia 27 de abril de 1777, e substituida pelas armas do municipio; mas por decreto de 10 de outubro de 1833, cumprido no dia 12, se restituiu no logar competente a effigie do illustre ministro, que até então estivera depositada no arsenal do exercito.

Na frente que deita para a cidade vê-se um magnifico baixo relevo allusivo ao facto da reedificação de Lisboa; este trabalho que pela severidade do desenho, harmonia de composição, e acabamento da esculptura, seria sufficiente só por si para eternisar a fama de qualquer artista, é ainda obra de Joaquim Machado de Castro.

Sobre o pedestal, finalmente, assenta a estatua equestre do soberano, o qual está vestido de armas brancas, empunhando o sceptro com a mão direita. É de bronze o colosso, mede trinta e um palmos e meio de altura, gastando-se na fundição, que foi feita de um só jacto, 630 quintaes de metal, que levaram a derreter vinte e oito horas; o esqueleto da estatua é feito de grossas vigotas de ferro, e pesa 100 quintaes.

Nunca em Portugal se haviam tentado sequer fundições de tal vulto; e todavia, graças á energia e saber do general Bartholomeu da Costa, não houve um só desaguisado, e a estatua ao cabo de oito minutos, que tantos se gastaram a encher a fôrma, appareceu perfeitamente acabada, sendo apenas necessario cortar-lhe os *gitos* de que toda estava cheia, no que se empregaram muitos operarios por espaço de alguns dias.

Para a levantar ao pedestal em que foi assente imaginou João dos Santos, sota-patrão-mór do arsenal da marinha, um forte, mas singelo apparelho formado de mastros e antenas, com que se realisou toda a operação com a maior facilidade.

O monumento d'el-rei D. José I concluiu-se inteiramente no dia 27 de maio de 1775; mas a estatua só se patenteou ao publico, na presença da corte, no dia 6 de junho seguinte, celebrando-se por essa occasião esplendidas festas, para que concorreram principalmente o senado da camara e o corpo do commercio da praça de Lisboa.

Da estatua equestre, que foi assim concebida e executada em todas as suas partes por mãos de portuguezes, se cunharam, como é costume em occasiões similhantes, medalhas de ouro e prata com a seguinte legenda, que se diz composta pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo: *Magnanimo restitori Olisipo post fata resurgens.*

A nossa gravura representa o monumento a que

nos referimos, visto da galeria do lado occidental da praça; nos edificios que formam o fundo acha-se estabelecida a alfandega grande.

SAGUNTO.

(Conclusão).

Em resultado d'este desbarato e das feridas de Annibal suspendeu este a lucta por alguns dias, que os sitiados aproveitaram para concertar as fortificações, e dispor-se a receberem o inimigo nos proximos assaltos com o costumado valor. Enviaram entretanto novos messageiros a Roma, a fim de informarem o senado da critica situação em que estavam, dos heroicos sacrificios que haviam feito, e da urgente necessidade de prompto soccorro. Contentou-se aquelle com mandar ao fero carthaginez outra embaixada, que este despediu sem lhe conceder sequer audiencia; tão seguro estava do triumpho.

Restabelecido inteiramente das feridas Annibal proseguiu nos trabalhos do sitio com maior empenho. Por toda a parte postava columnas de ataque, que inquietavam constantemente os sitiados, fazendo rosto ás suas intrepidas sortidas. Muitas vezes marcharam ao assalto por differentes pontos numerosas e valentes phalanges, que depois de incessantes esforços se viam obrigadas a retirar, deixando o campo juncado de cadaveres. Por fim, com machinas e engenhos poderosos conseguiram os carthaginezes derribar tres torres, e as muralhas que as ligavam. Avançam á brecha as preparadas hostes, animadas da confiança que inspira a certeza da victoria. Mas os saguntinos não descorçoam; recebem impavidos o primeiro impeto dos sitiantes, e depois, com a terrivel *falarica* em punho, investem os africanos, desconcertam e rompem suas fileiras, desordenam-nos, destroçam-nos e os põem em completa fuga, perseguindo-os até aos proprios arraiaes.

Grande foi a perda que padeceram os carthaginezes n'este dia, profundo o desalento que d'elles se apoderou, e incrivel o animo que com tão inesperado successo cobraram os saguntinos.

Por alguns dias conservou Annibal os soldados dentro dos entrincheiramentos, não só para restabelecer a força moral, abalada por aquelle desastre, como para celebrar o nascimento de seu filho Aspar, que a formosa Himilce acabava de dar á luz.

Durante aquella breve tregua tambem os saguntinos não estiveram ociosos, antes procuraram fazer o possivel reparo na brecha, levantando novas trincheiras. Mas foi tudo em vão.

Do alto de uma torre de madeira, que os carthaginezes construiram e poderam aproximar ás muralhas, chovia toda a casta de projectis sobre os desgraçados defensores de Sagunto, que não podiam assim acudir aos indispensaveis trabalhos. Ao mesmo tempo quinhentos africanos derribavam um lanço de muralha, que por mal construida e de fracos materiaes não pôde resistir aos seus furiosos golpes; pela larga abertura avançam então, sedentas de vingança, as sanguinarias legiões de Annibal, que conseguem tomar posse de uma parte da cidade.

Sagunto parecia estar perdida sem remedio; mas ainda d'esta vez salvou-a a incrivel audacia de seus filhos.

Crescia comtudo de momento para momento o perigo dos cidadãos, que em vão esperavam o tão sollicitado soccorro dos romanos; mas a sua esperança tinha de ser cruelmente illudida.

Nem valeu aos saguntinos o levantamento dos carpetanos e oretanos, que haviam tomado as armas, exasperados do rigor com que os carthaginezes lhes exigiam continuos contingentes de soldados. Annibal, é certo, viu-se obrigado a partir do campo a castigar os seus revôltos alliados; mas em seu logar deixa Hemilcon, que não menos energico, nem menos duro do que aquelle de quem fôra constituido logar-tenente, prosegue vigorosamente no sitio, e consegue tomar outra parte da cidade.

Parecia chegado para a infeliz povoação o momento supremo; não lhe aproveitam esforços, para assim dizer, sobrehumanos; a esperança já desamparou os seus defensores. Annibal volta carregado dos despojos dos vencidos turdetanos, e os seus soldados, ebrios do recente triumpho, vem engrossar as fileiras africanas. Nem os saguntinos tem o pensamento sequer de vencer; não: o que todos desejam ardentemente é vender caras as existencias; e o proprio desespêro da sua situação dá-lhes ainda forças por alguns dias para sustentarem a desegual lucta.

Um soldado hespanhol, que servia no exercito de Carthago, tomado de compaixão pela desventura dos seus compatriotas, arrisca uma ultima tentativa de conciliação: conseguindo introduzir-se na cidadella, faz reunir os heroicos defensores, e procura persuadil-os á paz com as expressões de mais entranhada piedade e admiração.

Um sepulchral silencio succedeu ao arrazoado do generoso guerreiro, nem um signal de approvação mereceram as suas prudentes reflexões; a desesperação, má conselheira no infortunio, não acceita outro arbitrio que a vingança. Quando, porém, reconhecem qual é a sorte que lhes prepara Annibal, quaes são as propostas que o fero carthaginez lhes offerece, e cuja dureza o bom Alorco em balde se esforçára por modificar e attenuar, um grito de indignação se ergue de todo o povo. Voam ás casas, pesquizam todos os recantos, dos palacios e templos arrebatam quantas alfaias e riquezas contém, e arrojando-as ao meio da praça publica, formam com ellas uma especie de pyra; em torno collocam mulheres, crianças e anciãos: o resto dos homens, formando um batalhão cerrado, e aproveitando as trévas da noite, sáe pela brecha, surprehende as avançadas inimigas, e ataca as trincheiras e fortificações com um furor incrivel. Durou a peleja muitas horas; grande era o estrago que haviam feito os saguntinos, grande a mortandade por ambos os lados; animava aos carthaginezes a multidão de suas tropas, a immensa vantagem da sua posição; aos saguntinos, não o desejo de vencer, não o incentivo da gloria, não os impulsos do dever e da honra, mas a devoradora sêde da vingança, a amarga satisfação de morrer matando.

Esta obra de destruição acabou quando tinha perecido o ultimo saguntino. Nem um só recuou; nem um sequer preferiu a existencia á ignominia.

As mulheres, que tinham corrido todas ás muralhas, e d'alli assistido ao combate, observando por entre o pranto o termo funesto d'este, e a morte de seus corajosos paes, filhos, e irmãos, não quizeram tão pouco sobreviver á perda dos que lhes eram mais caros no mundo; levantando um tremendo brado de angustia lançam fogo ás casas, fazem o mesmo á pyra que haviam formado, e precipitam-se todas na immensa fogueira, dando primeiro a morte aos tenros filhinhos!

Assim acabou Sagunto no mez de maio, ao cabo de oito de sitio! O vencedor entrou na destruida, mas não vencida cidade, encontrando apenas cinzas e escombros!

Legaram assim os saguntinos á posteridade um grande, porém triste testimunho da sua inviolavel fidelidade aos romanos (1); e aquella republica, com sua criminosa lentidão em soccorrer a nobre e valo-

(1) *Fidei erga romanos magnum quidem sed triste monumentum.* FLOR., Epit., lib. II.

rosa alliada, lançou sobre si uma mancha que nem os mais brilhantes feitos poderam desvanecer. A dor que o povo romano experimentou foi igual á sua vergonha, e para perpetuar uma e outra nos fastos da historia, ficou sendo por longo tempo proverbial a phrase: *Dum Romæ consulitur Saguntum expugnatur.*

Alguns annos depois, envergonhados de deixar por mais tempo em poder dos seus inimigos as reliquias da desventurada povoação, apossaram-se d'ella, reconstruiram-na, embellezaram-na, pozeram-lhe o nome de *cidade illustre*, procurando por todos os meios enriquecel-a e prodigar-lhe todas as galas da architectura, como para a fazer olvidar das suas desgraças; porém a maior gloria de Sagunto foi, e será sempre, a lugubre tradição do seu tragico fim; seu mais bello monumento as suas venerandas ruinas; seu mais honroso brazão a memoria do heroismo dos seus habitantes. ([1])

O INVERNO.

Ai! como é triste o inverno, n'um d'esses dias em que se elle ostenta em todo o seu rigor e magestade!

As rusticas florinhas, que aformoseavam os campos, que é d'ellas! As robustas arvores, que povoavam as encostas e os cabeços, offerecendo grata sombra ao viandante, e conservando ao solo a propicia frescura, sêccas, despidas dos naturaes atavios, mirradas, similham ossadas gigantes erguidas a prumo em vasto cemiterio!

O agradavel e variegado matiz das searas, dos hortedos, das pastagens, dos jardins, já não alegra os olhos do forasteiro; e as campinas, os levantados serros, as mais altas montanhas, cobertas de neve, affiguram-se-nos como envoltas n'um amplo sudario!

Despovoada parece a terra por effeito de algum tremendo cataclysmo; estão desertas as estradas; dir-se-hia tambem que os casaes e as aldeias. Ao harmonioso gorgear de namoradas avesinhas, succedem os grasnidos discordes de negros e agourentos corvos; o astro do dia, como que veste egualmente de lucto, negando á terra os vividos raios da sua benefica luz.

É pavoroso!

Mas ella, a pobre mãe, lá váe atravessando os campos desolados. Surprehendêra-a o vendaval, quando recolhia de esmolar o pão para os tenros fructos de um estremecido amor.

Impavida, não receia arrostar todos os perigos: é que é mister agasalhar aquelles innocentinhos; e que ha ahi, que não seja capaz de fazer uma carinhosa mãe, quando se trata do bem estar, da existencia de seus filhos?...

Sopra porém mui rijo o vento, resfriando tudo na sua passagem, e a neve continúa a cair em longos frocos sobre os corpos da pobre mulher e das infelizes crianças, regelando-lhes os membros entorpecidos! A final, com um dos filhinhos apertado ao seio, a desventurada tropeça, desfallece e cae!...

Mas Deus é grande e misericordioso, e nunca abandona o desvalido, que o invoca com sincera fé. Lá aponta já o soccorro; já vem perto; já se ouvem os brados de animação dos generosos salvadores; e em breve, n'um casal, bem reparado, e cercados de rostos amigos poderão, restaurando a perdida energia, bemdizer a Providencia, que lhes deparou inesperado auxilio tão a proposito!

O episodio que esboçámos em imperfeitos traços pretendeu Eduardo Girardet represental-o no quadro de que a estampa é transumpto fiel. Como o eminente artista, abonado por outros trabalhos de grande vulto, se desempenhou do assumpto que se propozera tratar, poderá o leitor melhor avalial-o, dispensando-nos de explicações, que seriam, n'este logar, ociosas e impertinentes.

([1]) Tito Livio, lib. xxi; Lafuente, Hist. Gen. de España, tom. i; Album de la Hist. de España, pag 38-55.

UMA VICTORIA NAVAL DOS PORTUGUEZES

NO SECULO PASSADO.

I.

Quem lança os olhos para esse amplissimo porto, em que Lisboa se espelha, e o vê tão ermo e pobre de navios de guerra, mal póde crer, que já poderosas armadas, onde fluctuava o pavilhão das quinas, assoberbaram suas aguas.

Pois houve uma epocha, em que esse golfo, ou braço de mar, que chamâmos Tejo, era estreito abrigo para as esquadras portuguezas. N'essa epocha refulgiu sobre esta boa terra todo o genero de glorias, que podem fazer grande um povo, e dourar-lhe as paginas da historia com brilho indelevel.

As quilhas lusitanas devassavam ao mesmo tempo todos os mares do globo, e lançando valentes exercitos na Africa, na Asia, e na America, voltavam a miudo prenhes de immensas riquezas, e ufanas com os tributos de vassallagem, que os reis e potentados do Oriente enviavam a el-rei D. Manoel, *o Afortunado.*

Foi a edade d'ouro de Portugal. Infelizmente durou pouco, e acabou, talvez, para não mais voltar, que essa é quasi sempre a sorte das nações. Como subimos depressa, e nos elevámos mui alto, rapida foi a descida, e grande a quéda. Tudo é assim na natureza; o que prematuramente se desenvolve, prematuro tambem é o seu fim.

A mesma metade de seculo, que nos viu opulentos e poderosos, admirados e requestados dos soberanos da Europa, temidos e obedecidos nas outras partes do mundo, foi tambem testimunha da nossa miseria e fraqueza, dos desdens e desprezos dos principes europeus, e dos insultos e aggressões feitos á nossa bandeira, e contra o nosso poder nas diversas regiões em que se erguiam. N'esse periodo, finalmente, tão curto na vida de um povo, fomos senhores, e logo escravos.

Todavia, ou porque a situação geographica d'esta nossa terra é d'aquellas que não deixam acabar, ou antes, que não consentem longa decadencia aos povos que n'ella habitam; ou porque apraz á Providencia mostrar como a sua mão póde abater e elevar individuos e nações, a nossa boa estrella tornou a brilhar no horisonte de Portugal.

D'esta vez não foi o arrôjo dos descobridores, nem o heroico esfôrço dos conquistadores quem nos abriu o caminho da prosperidade. O ouro e os brilhantes, que as minas do Brasil entornavam prodigamente em Portugal, secundados pelo governo illustrado d'el-rei D. João v, foram os instrumentos, que nos chamaram de novo á communhão das nações respeitadas.

Esse principe, que nascêra filho segundo, e a quem Deus, destinando-o para o throno, lhe concedêra um coração de soberano, tão generoso e tão nobre, que lhe grangeou o justo titulo de *Magnanimo;* esse principe, hoje apenas conhecido do vulgo pelo muito dinheiro que dispendeu em Mafra, e pelas avultadas sommas, que enviou para Roma, e cujo governo é ao presente tão mal apreciado pela maior parte dos nossos homens de letras, creou, animou, desenvolveu, e deu impulso a todos os variados elementos da

riqueza publica, segundo as idéas economicas d'aquelle tempo.

O paiz foi cortado de estradas; os rios atravessados de pontes; as terras da Estremadura abertas em canaes; todo o solo do reino investigado, e descobertas immensas minas, muitas das quaes se exploraram; fundaram-se fabricas de manufacturas, que não havia entre nós, e augmentaram-se e aperfeiçoaram-se outras, mandando o governo vir de fóra mestres insignes; instituiram-se academias, collegios e seminarios; fundaram-se livrarias; crearam-se premios para incentivo dos estudantes; abriu-se vasto campo ás artes na construcção de edificios sumptuosos; erigiram-se ou augmentaram-se estabelecimentos pios; reformaram-se muitas repartições do estado; reedificaram-se praças e fortalezas; reorganisou-se o exercito e a marinha; deu-se protecção esclarecida á agricultura e ao commercio; em fim, o impulso benefico e energico da acção governativa abrangeu a todos os interesses moraes e physicos dos portuguezes, conforme as exigencias da civilisação da epocha.

Não é nosso proposito levantar aqui um brado em favor d'essa epocha tão importante da nossa historia. Esperâmos ainda poder fazel-o, fundamentando todas aquellas asserções. Por agora basta para o assumpto de que nos vamos occupar, consignar n'este logar aquellas verdades, e acrescentar que ao desenvolvimento da nossa prosperidade no interior, se seguiu o respeito e consideração no exterior. E assim aquelle mesmo paiz, que pouco mais de meio seculo antes se viu ludibriado e maltratado por muitas na-



O inverno — quadro de Girardet.

ções, que se aproveitavam do seu abatimento e escravidão para se apoderarem das suas colonias, via-se agora sollicitado com as maiores instancias para acudir com o soccorro de suas esquadras á Italia, que estava tão seriamente ameaçada pelo immenso poder das armas ottomanas.

II.

Corria então o anno de 1716. O crescente musulmano, que empallidecêra durante os reinados de alguns principes fracos ou infelizes, tornára a adquirir brilho e prestigio. Kupruli-Hussein, e Damad-Ali, dois dos mais notaveis grão-vizires, que tem tido a Turquia, dois homens grandes na politica e na guerra, appareceram um após outro como para suster o imperio, quando mais apressado corria no caminho da decadencia. E taes recursos tiraram esses dois ministros e generaes da sua intelligencia e da sua energia e coragem, que não só conseguiram amparar o colosso, que se desmoronava, mas até lograram restituir-lhe os tempos da sua passada gloria. Não foi muito longo, é verdade, esse periodo, porém durante elle concebeu a Europa serias inquietações, julgando que iam volver os tempos assustadores de Mahomet II.

As armas victoriosas de Achmet III acabavam de conquistar a Moréa, e as ilhas do Archipelago. As suas esquadras ameaçavam as costas da Italia, e tinham em rigoroso bloqueio a ilha de Corfú. A orgulhosa republica de Veneza, que pouco antes desafiava cheia de audacia todo o poder ottomano, tremia agora diante das meias luas triumphantes, e fazendo apparato de todas as suas forças, não se julgava assás forte para impedir o passo aos vencedores.

Foi n'estas circunstancias, que o papa Clemente XI dirigiu a el-rei D. João V vivas e repetidas instancias para enviar uma esquadra em soccorro da Italia e da christandade.

Annuindo este soberano aos desejos do pontifice, mandou aprromptar uma esquadra, composta de seis náos, e tres vasos menores, commandada pelo almirante conde do Rio Grande, Lopo Furtado de Mendonça.

Levantou ferro esta armada no dia 5 de julho de 1716. Entrou com feliz viagem no estreito de Gibraltar, e assim proseguiu até Leorne, aonde o almirante esperou ordens e noticias para se reunir ás esquadras christãs. Sabendo que já tinham partido, fez-se de vela, e foi demandal-as. Foram, porém, tão fortes os temporaes, que por essa occasião se levantaram, que não foi possivel encontrarem-se as esquadras, que assim corridas do tempo se viram forçadas a buscar abrigo em diversos portos. Comtudo a nossa pôde chegar a Corfú, aonde soube que os turcos, informados da vinda da poderosa armada dos alliados, tinham levantado o bloqueio, recolhendo-se aos Dardanellos.

D'est'arte ficaram frustradas as esperanças d'esta projectada guerra, pois que n'este anno nem o inimigo saiu ao mar, nem o mar permittiu aos alliados ir desafiar o inimigo. Adiou-se, pois, a campanha para o anno seguinte, e a esquadra portugueza regressou ao Tejo em 25 de novembro.

III.

No dia 28 de abril de 1717 tornou a sair a barra a nossa esquadra. Compunha-se então de onze embarcações de guerra, sete náos e quatro vasos menores. O almirante conde do Rio Grande içára a sua bandeira em a náo *Nossa Senhora da Conceição*, de oitenta peças; e o conde de S. Vicente, seu immediato, levantára a sua na náo *Nossa Senhora do Pilar*, de oitenta e quatro peças, commandada pelo capitão de mar e guerra Manoel André dos Santos. Pedro de Sousa Castello Branco, coronel do regimento de marinha, ia na *Assumpção*, do commando do capitão de mar e guerra Simeão Porto. Commandavam Gillet du Bocage a *Nossa Senhora das Necessidades*; João Baptista Rolhano a *Santa Rosa*; José Pereira de Avila a *Rainha dos Anjos*; e Bartholomeu Freire a *S. Lourenço*. Antonio dos Santos commandava o *S. Thomaz*, de vinte peças; Jorge Mathias de Sotto Mayor e Thomaz Tulli a dois brulotes; e José Barganha a uma embarcação, que denominavam tartana. Além da competente guarnição, iam a bordo de todos estes vasos, como voluntarios, muitos fidalgos da principal nobreza.

A 10 de junho aportou a Corfú a nossa esquadra, e ahi encontrou a armada ligeira de Veneza, capitaneada por André Pisani, a de Roma, composta de cinco embarcações, ás ordens do cavalheiro Ferreti, e duas da Toscana, e a esquadra de Malta com cinco navios sob as ordens de Frenois.

A 17 chegou com alguns vasos maltezes o balio de Bellefontaine, tenente general da armada d'el-rei de França, e governador de Toulon, a quem estava confiado o commando em chefe das forças alliadas.

Feito conselho sobre o começo das operações, a 23 largou panno toda a armada, e foi reunir-se á esquadra grande de Veneza, que andava cruzando no Archipelago.

Em quanto estas cousas se passavam, apercebiam-se os turcos com grandes forças para cair d'improviso sobre a esquadra veneziana, cujos movimentos traziam bem observados. E com tal recato e segredo se apromptaram, que, quando os venezianos, e todos os seus alliados, suppunham o inimigo dentro dos seus portos, descançando ao abrigo das fortalezas, e sem tenção de procurar aventuras, appareceu a esquadra ottomana ao romper da alva, forte de quarenta e duas embarcações (5 de julho).

A esquadra trazia desfraldadas todas as suas velas, e corria tão apressada ao encontro dos venezianos, favorecida de um rijo vento, como quem pretendia ajudar-se da surpreza para mais facilmente cantar victoria, pois que o triumpho lhe parecia assegurado pela superioridade das suas forças, e pela vantagem da posição.

Os venezianos ficaram com effeito desconcertados, vendo surgir d'improviso tão poderosa armada, e achando-se tão desvantajosamente collocados a sotavento. Porém os turcos tambem a seu turno ficaram surprehendidos, encontrando na sua frente, a pouca distancia dos venezianos, a outra esquadra dos alliados.

O capitão pachá fez immediatamente estender em linha a longa fileira das suas embarcações. Mas não accommetteu; esperou que o viessem atacar, porque, se tinha em seu favor o barlavento, a distancia em que estavam as duas esquadras christãs uma da outra era uma circunstancia, que o contrariava, pois que podia ver-se depois envolvido entre dois fogos.

Postas todas as esquadras em linha de batalha, a turca procurando conservar o barlavento, e as christãs tentando melhorar de posição, passaram assim o dia todo.

A madrugada seguinte viu aquelle mar inteiramente desaffrontado de turcos e christãos. Os primeiros tinham julgado prudente recolherem-se á bahia de Caron, e os segundos, pela urgente necessidade em que estavam os venezianos de se refazerem de agua e lenha, demandaram para esse fim uma enseada proxima.

IV.

No dia 19, ao primeiro arrebol da manhã, acharam-se de novo á vista as esquadras inimigas. A ottomana trazia agora mais seis navios com que perfazia o numero de quarenta e oito, em que entravam vinte e duas náos. As christãs contavam trinta e quatro ao todo, grandes e pequenos.

O almirante portuguez dispoz rapidamente a sua esquadra em linha de batalha, com mais duas embarcações pontificias e uma fragata veneziana, que se lhe tinham juntado; e á brevidade d'esta manobra deveu o poder supportar com firmeza o imprevisto accommettimento do inimigo.

O capitão pachá, sem duvida para não dar tempo ao resto da esquadra dos alliados de continuar a linha de batalha feita pela portugueza, veiu sobre esta com quinze náos, que estendidas em linha romperam um vivissimo fogo de todas as suas baterias.

As náos *Nossa Senhora da Conceição*, *Nossa Senhora do Pilar*, *Assumpção*, *Santa Rosa*, e a fragata veneziana, foram as que soffreram a violencia do rompimento do ataque, e responderam-lhe com tal esforço e energia, que sustentaram durante nove horas tão encarniçado e desegual combate, sem conceder ao inimigo a mais pequena vantagem.

O grosso da esquadra alliada e o resto da ottomana, inactivas uma defronte da outra, como que para se conterem mutuamente, presenciavam de longe esta lucta desesperada.

Ás cinco horas da tarde os costados dos navios da armada portugueza estavam tão crivados de balas, os seus mastros e enxarcias mostravam tamanho destroço, viam-se as velas tão rotas, que, apesar da coragem que ainda sobrava em todos os officiaes e marinheiros, afigurou-se ao nosso almirante muito perigosa, se não impossivel, a prolongação de tão obstinada peleja. Era necessario, pois, um acto de verdadeiro arrôjo, um esforço supremo, que, melhorando a posição da esquadra, lhe désse a victoria, ou pozesse fim á lucta.

O arrôjo appareceu, em fim; o conde do Rio Grande conseguiu romper a linha inimiga, e tomar-lhe o barlavento. Este movimento lançou os turcos em tal desanimo e desconcerto, que desde logo cuidaram de salvar-se, fugindo.

Então correu a todo o panno o resto da esquadra ottomana em soccorro do seu almirante; mas quan-

do este, cobrado o alento, ia voltar o rosto para o inimigo, o conde de S. Vicente, atravessando denodadamente com a sua náo *Nossa Senhora do Pilar* por entre os navios turcos, investe a náo capitanea, de cento e dez peças, e guarnecida com 1:400 praças, prolonga-se com ella, e trava um duello de morte.

O conde do Rio Grande, vendo a perigosa situação da náo *Nossa Senhora do Pilar*, voou logo em sua defesa, e após elle a náo *Santa Rosa*, sem embargo das repetidas ordens do almirante Delafontaine, que mandava retirar.

Seguiu-se então uma scena verdadeiramente horrivel. As tres náos portuguezas, envolvidas entre as quarenta e oito embarcações turcas, vomitavam fogo para todas as partes, e eram accommettidas de fogo por todos os lados. O estrondo da artilharia, o zinir das balas, as vozes roucas do commando, a grita enthusiastica dos combatentes, o alarido dos que caiam ao mar, as imprecações e gemidos dos feridos, formavam um concerto infernal. E n'um relancear d'olhos todo este pavoroso quadro foi encoberto por uma nuvem de espesso fumo, que envolvendo todas as bandeiras em seu negro véo, foi causa de que por algum tempo os navios turcos se canhoneassem como inimigos.

O fogo cessou quasi de repente. A esquadra alliada, que fôra outra vez testimunha quêda d'esta lucta a todo o trance, agora, talvez, em castigo da corajosa desobediencia dos portuguezes, espera com anciedade o fim d'este tremendo conflicto.

Nos navios portuguezes, que não tinham entrado na acção, ou por obedecer ao commandante em chefe, que tinha ordenado a retirada, ou porque o fumo lhes não deixava distinguir os amigos dos inimigos; nos navios portuguezes, dizemos, estavam todos, officiaes e marinheiros, na maior consternação possivel. E quando os canhões deixaram de troar, apertou-se-lhes dolorosamente o coração, porque viram n'esse repentino silencio a paz do tumulo para os seus companheiros! Todos estavam immoveis, como que pregados ao tombadilho ou ás vergas; calados, como se a voz se lhes prendêra na garganta, e olhando sem pestanejar para a nuvem que lhes encobria o que tanto desejavam, e tanto temiam ver!

O vento começou, com effeito, a dissipar o fumo; e em pouco tempo mostrou aos christãos, que não podiam crer no que viam, toda a esquadra ottomana fugindo atraz da sua almirante, e as tres náos portuguezas dispondo-se para as perseguir!

Durante o mais rijo do combate, quando os nossos só pensavam em vender caras as vidas, fazendo da sua derrota uma acção gloriosa, quiz o acaso, ou determinou a Providencia, que uma bala, partida da náo *Nossa Senhora do Pilar*, levasse a morte ao commandante de uma das náos turcas, que mais empenhadas estavam na acção. Este successo poz tudo a bordo d'aquelle navio em tão grande desordem e confusão, que trataram immediatamente de procurar a salvação na fuga. Outros vasos da esquadra ottomana, ignorando o acontecido, mas vendo a náo em que ia o immediato ao seu almirante suspender o fogo, e retirar-se apressadamente, julgaram que toda a armada inimiga teria entrado em combate, e que a sorte da guerra acabava de coroar as armas christãs. E sem esperar por mais voltaram tambem costas ao inimigo. O capitão pachá viu-se pois obrigado a seguir este movimento, que em breve se tornou geral. Tal foi a explicação d'aquelle quasi milagre!

O capitão pachá ainda pretendeu obstar a tão vergonhosa retirada, retrocedendo sobre as nossas náos; porém a esse tempo já toda a armada christã vinha correndo em sua perseguição, e além d'isso as perdas que soffrêra no combate eram tão graves, que demandavam prompta reparação. Sete náos principalmente iam muito destroçadas, e quatro d'estas com tão grossa avaria, que se submergiram antes de chegarem ao porto de abrigo.

A noite e um forte temporal, que sobreveiu, separou os inimigos. A esquadra ottomana acolheu-se ao porto de Napoli de Romania, na Moréa, d'onde depois passou para os Dardanellos e Constantinopla. Os venezianos lançaram ferro em Corfú. Os maltezes, romanos e toscanos recolheram-se aos seus estados; e a esquadra portugueza, depois de se reparar em Messina das avarias mais grossas, regressou ao Tejo, aonde entrou no dia 6 de novembro.

A perda dos nossos consistiu em oitenta mortos, em cujo numero entrou o capitão de mar e guerra Manoel André dos Santos, commandante da náo *Nossa Senhora do Pilar*, e cento e vinte feridos. As embarcações trouxeram grande destroço. A perda dos turcos foi calculada em alguns milhares de homens entre mortos e feridos; nos seus navios tiveram gravissimos prejuizos.

Foram os vencedores muito festejados na sua entrada em Lisboa, e el-rei D. João V remunerou generosamente o seu heroico comportamento.

Passado pouco tempo chegaram da corte de Roma dois breves, um para el-rei, e outro para o conde do Rio Grande, expressando os mais vivos agradecimentos pelo soccorro enviado tão a proposito em favor da egreja, e os maiores elogios ao esfôrço e bravura da armada portugueza.

A republica de Veneza não se mostrou menos agradecida do que o santo padre Clemente XI. João Mocenigo veiu a Lisboa em embaixada extraordinaria significar ao nosso soberano o reconhecimento da poderosa senhora do Adriatico pela *insigne victoria alcançada pelas armas de Portugal*.

Para celebrar este triumpho cunharam-se em Roma medalhas de ouro, de prata e cobre, tendo de um lado o retrato d'el-rei, com a letra em torno — *Joannes V Rex Portug. et Algarb.* —, e do outro uma náo á vela passando entre duas columnas, e em cima — *Qua data porta jurat* — e por baixo — *Fusis, fugatisque Turcis Lusit. Classis subsid. ad Fœnarum p.* 1717.

Possam estas recordações gloriosas de um passado não mui remoto, excitar-nos os brios, exaltar-nos o espirito amortecido, e fazer em fim com que pensemos seriamente, e trabalhemos com vontade e zêlo para readquirir a posição que perdemos, a posição de potencia maritima respeitada, a que nos dão direito os nossos portos e provincias ultramarinas, e aonde nos chamam todos os interesses do paiz.

I. DE VILHENA BARBOSA.

UM EPISODIO DO VERÃO DE 1857.

I.

Estamos em Lisboa a 27 d'outubro de 1857.

Sobre o ceo de saphira eleva-se o bello sol da peninsula, radiante de seu magnifico esplendor, aquecendo brandamente a altiva cidade de Ulisses, a linda rainha dos mares, que se recosta com indolencia nas margens do Tejo anilado e polido. Uma brisa suave, refrescada na sua passagem rapida na superficie das aguas, bafeja agradavelmente o rosto do viandante afogueado pelos ardores do estio que se despede. Nunca Lisboa se mostrou mais bella; parece radiar-lhe da fronte o enthusiasmo da victoria sobre as mais bellas cidades do mundo, que lhe tem querido apresentar como rivaes.

Mentira!

Fugi! fugi depressa d'essa atmosphera impregnada de veneno que vos quer asphyxiar em horriveis

martyrios com o seu bafo mortal! Fugi d'essa cidade maldita em que a vida só é um passo apressado para a morte! Assim como sob o tapete verdejante e matizado da collina se esconde a cratéra irascivel proxima a rebentar, assim atraz d'essa mascara seductora se occulta o semblante livido da cidade amaldiçoada.

Está a *febre amarella* em Lisboa!

Affirma-o esse silencio sepulchral que acompanha tão sinistra animação, attesta-o esse cruzar incessante de feretros e de macas, esse acotovelar apressado de sacerdotes e de medicos. O aspecto d'essa solidão de gêlo em algumas ruas, outr'ora tão frequentadas, da capital; essas lojas hermeticamente fechadas; essas physionomias horrivelmente pallidas pelo susto; tudo contribue a enfraquecer o animo mais robusto e a amedrontar o observador mais impassivel.

Está a *febre amarella* em Lisboa!

Vinde comnosco.

Sobre velha enxerga, assente em velhos bancos de pinho, uma mulher de bellas feições, ainda que transtornadas pelo delirio da febre, estorce-se desesperada nas horriveis convulsões d'uma agonia dilacerante. Posto que semivestida d'andrajos, sente-se no quarto o calor pestilencial que se exhala d'esse corpo torturado. Sobre as faces ardentes, mas lividas, resvalam grossas gottas de suor, que desapparecem de continuo consumidas no proprio calor que as produziu. Os labios passariam desapercebidos, se a linha traçada pela bocca os não marcasse, e se os não contrahisse a expressão que um grande poeta descreveu nos de Joanna d'Arc, no seu derradeiro grito entre as chammas da fogueira angelicida.

É uma das muitas mil victimas do flagello!

Junto d'ella, e agarrando-se-lhe como á ultima taboa do navio despedaçado se deve agarrar o naufrago perdido no espaço infindo das ondas, vê-se uma criança de seis annos, bella como o devem ser os anjos esclarecidos pelo esplendor que cinge a cabeça do Altissimo, assustada como o está a pomba deslumbrante d'alvura, perseguida até ao ninho pelas garras implacaveis do milhafre.

— Mamã!... geme o anjinho com a voz abafada pelas lagrimas d'uma afflicção instinctiva.

A moribunda quer sorrir no meio do martyrio que a dilacera, estende as mãos ardentes para seu filho, afasta-lhe da testa os dourados cabellos, e tenta curvar-se para lhe dar um beijo.... mas de repente lembra-lhe que é mortal o contacto de seus labios, e, com um esforço phrenetico e terrivel, arremessa para longe a criança, que anciosa se erguia já nos pésinhos para a beijar!...

O infeliz vae cair a distancia do leito miseravel e conserva-se ahi chorando em silencio, olhando afflicto por entre as lagrimas para a mãe que o repelle.

E o clarão da lua de prata, que lá fóra se deslisa sobre a abobada cravejada, confunde-se ahi dentro com a luz fraca d'uma candeia pendente do umbral da abandonada chaminé.

Ouve-se apenas o rouco sussurro d'uma respiração anciada e irregular, como pendula descompassada que marca os ultimos momentos d'essa existencia de torturas.

De repente senta-se na cama, como que movida por uma convulsão sobrenatural, e lança em redor de si um olhar vago, incerto e allucinado:

— Filho!... meu filho!... exclamou ella com essa entoação de desespêro e amor, que só as mulheres possuem em presença do innocente a quem deram a vida.

— Mamã! grita elle com alegria correndo aos braços da desgraçada que soffrega o aperta ao seio.

Passou-se um momento em que esses dois anjos, um d'innocencia, outro de martyrio, se estreitaram no ultimo abraço, fazendo ouvir um unico beijo phrenetico, prolongado, indizivel...

De repente a criança solta um grito dilacerante. O corpo que aperta com amor infantil inteiriça-se-lhe nos braços, e esse ardente calor da febre torna-se de subito no frio gelado da morte. O innocente só abraça um cadaver!

E, atravez dos vidros da janella, vê-se a lua que se deslisa serena sobre o ceo cravejado de pregos de prata.........................

Quando a criança, louca de desespêro, caía tambem desmaiada sobre o cadaver de sua mãe, a porta da miseravel habitação abriu-se apressadamente para dar passagem a uma senhora simples e elegantemente vestida, em cujas nobres e bellas feições se lia egualmente a desesperação por ter chegado tão tarde.

Era a caridade.
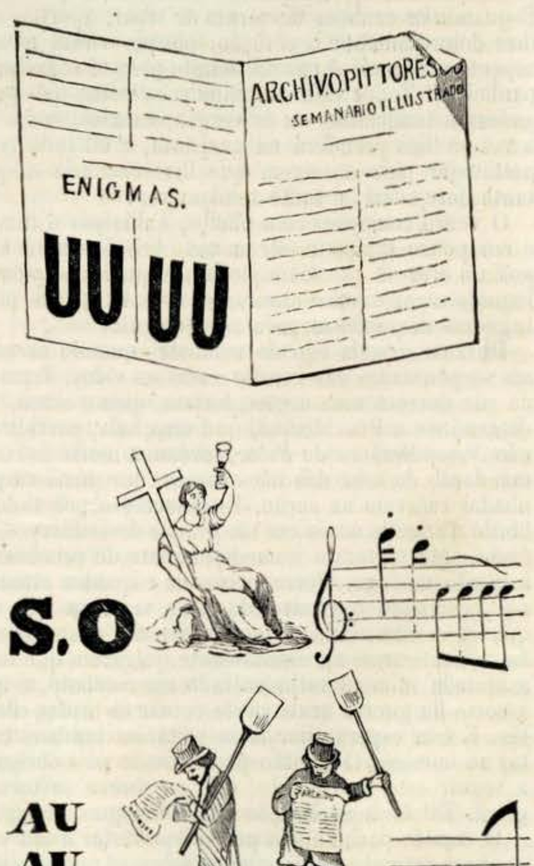
II.

Em junho de 1858, visitando nós um asylo d'infancia desvalida, vimos, entre o grande numero de crianças que brincavam loucas d'alegria nos innocentes jogos da sua edade, uma só que se conservava pensativa, silenciosa e indifferente aos folguedos das suas companheiras. Era linda como o botão de rosa que, antes de desabrochar, se curva já ante as furias implacaveis do vendaval.

A directora, a quem nos dirigimos para saber a causa do que com admiração observavamos, respondeu-nos com a simples e tocante historia que acabâmos de narrar.

A. MARQUES PEREIRA.

ENIGMA PITTORESCO.



LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B